



Variações e mudanças: as línguas giram

Partimos de pressuposto que, ao longo das últimas décadas, as pesquisas linguísticas vêm nos brindando com um imenso arcabouço teórico-metodológico que permite reflexões sobre as mais diversas questões relativas ao universo da língua(gem) no âmbito de sua estrutura, de seu uso e de sua relação com a sociedade. Por isso, é provável que muitos considerem que o tema deste Volume 31 de nossa *Matranga* seja recorrente na área dos estudos da linguagem. Consideramo-lo muito frequente nas pesquisas e nas revistas especializadas. Necessário, porém!

Num mundo de diferenças, nunca é demais voltar a afirmar que a diversidade linguística é um fato incontestável, pois as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, assumindo-se heterogêneas por natureza. É recorrente se encontrar mais de uma forma a um mesmo referente, tanto em nível do vocabulário quanto em nível morfosintático-semântico-pragmático e/ou da fonética-fonologia de uma língua.

A despeito de todas as pesquisas em nossa área da linguagem, vige, entretanto, concomitantemente, pensamento de que as línguas são homogêneas, de que as regras gramaticais são encaradas como permanentes, imutáveis, contabilizando-se, apenas, uma única possibilidade de utilização da língua. Como cientistas da linguagem, torna-se, pois, necessário, em pleno século XXI, despertar, mais uma vez, a sociedade para a variação constitutiva das línguas, a fim de refletir sobre o fenômeno da mudança linguística, em perspectiva de que a variação é a fonte de mudança.

Para tanto, inicialmente, retomamos Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975]). Em seu clássico texto, os autores afirmam que estruturas heterogêneas são parte da competência linguística, ou seja, necessárias para o funcionamento real de qualquer língua, tendo o indivíduo capacidade para codificar e para decodificar essa heterogeneidade. Constitui-se em premissa para os variacionistas que a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação é vista como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, e não é assistemática, não acontece ao acaso. Dessa forma, o caráter dinâmico da língua é reconhecido como um reflexo da movimentação da organização social. Labov (2008 [1972]) afirma que “devemos determinar qual estrutura social corresponde à dada estrutura linguística e como mudanças na estrutura social se traduzem em mudanças na estrutura linguística.”



Considerando os princípios acima, é preciso que se entenda que palavras ou construções em variação, obviamente, não comprometem o mútuo entendimento dos falantes. Na verdade, constituem-se em potencial riqueza de significado social, à medida que, também, têm o poder de comunicar a nossos interlocutores muito mais que a representação do que dizemos. Mais do que isso, revelam quem somos, dando pistas daqueles que ouvem e daqueles que falam no processo de interação, podendo desvendar nossa procedência, nossa inserção (ou não) na(s) cultura(s) de letramento(s) de nossa sociedade, nossa geração, nossa identificação com grupos sociais e/ou comunidades de fala, dentre tantas outras informações importantes, expressas pela forma de dizer que conscientes ou inconscientes adotamos. A nosso ver, trata-se de uma tomada de consciência fundamental para ser apreendida por todos os falantes da língua, sobretudo aqueles que não pesquisam sobre a língua, para que entendam que não a estamos maculando quando são utilizadas formas diferentes de dizer, especialmente aquelas que são fruto das diversidades, mas também das diferenças sociais de um país de dimensões continentais, como o Brasil. Trata-se de pontos essenciais que traduzem a relação língua/ variação que o pesquisador adota, ao trabalhar com dados reais, de falantes reais, em uma comunidade real.

Dessa forma, investigar sobre os mecanismos que regulam a variação, de que forma essa dada variação interage com os outros elementos do sistema linguístico, bem como em que espaço social ocorre e como pode levar à mudança linguística é o fazer do sociolinguista. No dizer de Mollica (2008, p. 11), "cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático".

Ao estabelecer estreita relação entre estrutura linguística e estrutura social, Labov reconhece que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua. Considerando o nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável, o autor distingue três tipos de elementos, a saber: os estereótipos, os marcadores e os indicadores. O primeiro se constitui em traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada. Há estereótipos, no entanto, que podem gozar de prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros. Um exemplo no português do Brasil é a substituição do /l/ pelo /r/, a exemplo de *pobrema*. Os marcadores, por seu turno, são traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que podem ser diagnosticados em certos testes de atitude/ avaliação, embora o julgamento social seja inconsciente. É fato que, apesar de os falantes identificarem certos usos como "feios" ou "errados", isso não significa que não façam uso deles, pois o fazem, inconscientemente. Por fim, os indicadores são traços socialmente estratificados, sem força avaliativa, com julgamentos sociais inconscientes, a exemplo da monotongação dos ditongos, como em *couve/cove*, utilizada por diferentes falantes, de estratos sociais diversos, que não geram, especificamente, um juízo de valor ou rejeição do modo de falar do enunciador.

Não obstante o exposto acima, os autores, também, apresentam os desafios relacionados ao estudo de um fenômeno de mudança. Trata-se de cinco empecimentos, a saber: a) de restrições; b) de transição; c) de encaixamento; d) da avaliação; e) da implementação.



Primeiramente, o pesquisador há de ter a preocupação de definir quais as condições que favorecem as mudanças ou as restringem. Trata-se, portanto, de identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a mudança linguística. Desse modo, é necessário ter conhecimento das variantes e dos contextos favoráveis ou não, pois só assim é possível “explorar as armas e avaliar os contextos mais favoráveis de uma e a vitória de outra” (TARALLO, 2007, p. 33).

O espectro da transição envolve a análise das etapas pelas quais a língua atravessa até a sua efetiva transformação. Por isso, é preciso refletir sobre o surgimento de uma forma alternativa em relação a outra forma, sobre a entrada daquela forma no sistema da língua e sobre o começo de uma competição com as demais variantes de uma variável determinada, assim como a existência (ou não) de um momento do desuso de uma das formas, efetivando-se, pois, a mudança (MOURA, 2013, p. 26).

Weireich, Labov e Herzog (2006 [1975]) postulam que a mudança linguística ocorrerá pela alteração das variáveis dentro do sistema, e não em um movimento de um sistema inteiro. Assim, no que se refere ao espectro encaixamento na matriz linguística, a variável é um elemento estrutural, que parte da competência linguística dos membros de uma comunidade de fala. De outro lado, no que tange ao encaixamento na matriz social, as variações social e geográfica são intrínsecas à estrutura da língua, cabendo, assim, ao pesquisador examinar o grau de correlação entre o social e a mudança que influencia a organização do sistema (MOURA, 2013).

O espectro da avaliação, como já dito anteriormente, corresponde à apreciação do falante acerca da mudança linguística e de suas consequências na sua estrutura, ou seja, os membros de uma comunidade de fala apresentam julgamentos sobre a variável que está sendo analisada e essa avaliação afeta a mudança, pois “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística” (WEIREICH, LABOV & HERZOG (2006 [1975]), p. 124). De acordo com Freitag e Santos (2010), o pesquisador deve se preocupar com as seguintes questões:

Como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? O nível de consciência dos membros da comunidade de fala é uma característica essencial da mudança linguística e deve ser considerado na análise (FREITAG & SANTOS, 2010, p. 48).

Por fim, o espectro da implementação procura compreender como uma mudança se institui, se forja no sistema e por que a implementação ocorreu em um dado momento e não em outro. Para explicar tais ocorrências, é necessário refletir por que as línguas mudam e como as pessoas continuam a falar enquanto dada língua muda.

De acordo com Tarallo (2007, p. 84), “uma teoria geral da mudança linguística, para ser suficiente deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término da mudança”. Acrescentamos, também, a essa gradação a possibilidade da estabilização da mudança.

Detivemo-nos até aqui sobre o arcabouço teórico importante que fundamenta os estudos sociolinguísticos e que ratifica um conceito de língua em perspectiva diversa da que o estruturalismo fez. Ao apresentar o embasamento teórico, trouxemos algumas exemplificações do Portu-



guês do Brasil. Não podemos esquecer, no entanto, das diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, que se constituem em exemplos de variação e de mudança.

Logo, o fenômeno da variação está dentro de uma dada língua natural, sem dúvida, mas também se estende a outra língua, exatamente como no nosso caso de falantes de Língua Portuguesa. O que sabemos, como estudiosos da língua, é que, desde a “transferência” da língua portuguesa para o Brasil, mudou o português falado no Brasil e mudou o português falado em Portugal. Como sabemos, as variedades do português faladas em Portugal e no Brasil são inúmeras. De acordo com Gorski (2009), a palatalização do /t/ e do /d/ antes de /i/ tônico e átono e a semivocalização do /l/ final de sílaba e de palavra é um ótimo exemplo. A autora, ainda, acrescenta:

enquanto em Portugal se preserva a não palatalização, como em T[S]io e d[Z]iretor, e a velarização do /l/ final, como em anima[l] e so[l]dado, no Brasil, um padrão diferente na grande maioria das regiões se apresenta, com palatalização do /t/ e /d/, como em [tʃ]io e [dʒ]iretor, e com semivocalização do /l/, como em anima[w] e so[w]dado (p. 76).

Além desse fato fonético marcante, pode-se indicar diferenças notáveis tanto no campo morfológico quanto no sintático, ainda que não façamos uma descrição exaustiva. No português de Portugal, encontramos construções aspectuais, como “estava a brincar”, bem como o uso frequente de pronomes clíticos, como em “Eu vi-o na rua”, o que exemplifica o tão conhecido uso do pronome, colocado, predominantemente, em ênclise, marcando uma variante morfossintática imensa entre esses dois falares, o que nos faz ser muito diferentes de nossos coirmãos, além de marcar, em gramáticas normativas, um capítulo distante do que “aprendemos na escola” e o que se fala no dia a dia dessa comunidade de falantes brasileiros.

Portanto, a nosso ver, ao falar de variação e de mudança não podemos deixar de estudar a origem destes diferentes falares, pesquisá-la para entendê-los. Entramos, por conseguinte, em uma grande seara. Se temos tantas influências, se adotamos a língua dos portugueses, o que se pode pensar das tantas línguas existentes no Brasil, faladas pelos povos originários? Como ignorar a influência da fala dos escravizados que chegaram em grande número e, por tanto tempo, no Brasil? Quantas línguas! Quantos falares nos influencia(ra)m! Quais as diferenças que caracterizam cada comunidade de fala da língua portuguesa, considerando os nove países que têm a nossa língua como idioma oficial?

Estamos em uníssono com o convite de Callou e Lopes (2016) que propõem repensar “o nosso código gramatical e atualizá-lo, em consequência de existência de um abismo, mais ou menos profundo, entre a norma idealizada e as normas efetivamente praticadas, mesmo pelos falantes mais escolarizados.” Há muito o que fazer na área, ainda, considerando a multiplicidade existente, a pluralidade linguística em que vivemos neste país, repetimos, de dimensões continentais.

Enquanto não aceitamos, de forma plena, o convite que nos é feito pelas referidas autoras, temos de intentar duas questões conseqüentes a esse fenômeno inerente à língua. Um deles diz respeito ao preconceito que as variações e as mudanças geram; o outro está centrado na preocupação de um ensino básico, voltado para a conscientização dos estudantes quanto às possibilida-

des de variação e de mudança, o que implica, necessariamente, em mudança no entendimento do que é a língua que vige nos *curricula* das escolas básicas.

Embora não se constitua em objetivo para este volume, trata-se de dois temas que exigem dos pesquisadores um olhar cuidadoso. O primeiro, amplamente discutido, como se sabe, resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado de língua que se apresenta nas gramáticas normativas e os modos de falar reais das pessoas que vivem na sociedade, modos de falar que são muitos e bem diferentes entre si. Sabemos que esse preconceito se constitui em um, dentre tantos existentes na sociedade. No caso, esse preconceito está muito ligado, especialmente, no Brasil, à relação classe social/ oportunidades de estudo, o que se constitui em uma grande discriminação na sociedade brasileira, por vezes, diferente da sociedade portuguesa. Portanto, é premente a necessidade de aceitarmos o convite feito por Callou e por Lopes.

O outro tema diz respeito à inquietação daqueles que visam à aplicação dos estudos e das pesquisas na área da linguística na escola básica, em favor de uma educação linguística. Bortoni cunha o termo *sociolinguística educacional*. Para a autora, em uníssono com tantos estudiosos, é essencial que os professores adotem uma nova postura em relação ao ensino, que não apenas respeite a linguagem que os alunos trazem consigo de casa, mas também que esse ensino promova a reflexão sobre o próprio uso da língua, sem qualquer forma de discriminação. O objetivo deve ser ampliar o repertório linguístico de cada estudante, sem querer alterar a variedade de língua trazida pelo(a) estudante, a fim de capacitá-lo(la) a utilizar a linguagem de maneira apropriada. Logo, o desenvolvimento da competência comunicativa é essencial para que o aluno possa monitorar seu próprio estilo linguístico e adaptá-lo conforme necessário (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73).

Para tanto, é crucial que os docentes tenham acesso a uma reorientação e uma atualização sociolinguística, já que desempenham um papel fundamental na condução de uma educação produtiva e inclusiva. Acreditamos que esta seja uma das funções deste volume. Não estamos atreladas, neste momento, ao fazer da sala de aula. Os nove artigos que compõem esta edição da Revista *Matraga* contemplam, dentro de uma perspectiva atualizadora e crítica, reflexões sobre as inter-relações existentes entre língua e sociedade, a saber: a sociedade brasileira, a portuguesa, a hispânica, a angolana, sempre tendo como ponto em comum os fatos linguísticos concernentes à nossa Língua Portuguesa. Além dessas inter-relações, os artigos que compõem esse número se debruçam sobre a discussão acerca do fenômeno da mudança linguística em diferentes sociedades que utilizam a língua portuguesa seja como língua primeira, seja como língua de herança; análise da diversidade translínguística e transcultural; revisitações de diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação; estudos de variação e de mudança de línguas em diferentes gêneros; estudos sincrônicos e diacrônicos da língua portuguesa; influências de diferentes fatores na constituição da língua portuguesa.

Reconhecendo a perspectiva laboviana da existência de julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, os três primeiros artigos tratam dessa vertente da teoria. O primeiro, de autoria de Christina Abreu Gomes e Giselle Gaspar de Assis Silva, intitulado “Percepção da variação sociolinguística: a avaliação social da alternância entre o ditongo nasal



átone final e a vogal oral na variedade carioca”, centra-se na dinâmica da variação linguística na comunidade de fala do Rio de Janeiro, focalizando a avaliação das variantes da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral. Os resultados da pesquisa mostram que a variante vogal oral não indexa *status* socioeconômico baixo na variedade carioca, o que confirma o caráter de marcador linguístico da variável, ou seja, a despeito do fato de os falantes identificarem certos usos da língua portuguesa, “inadequados” no falar carioca, não significa dizer que não façam uso deles. Trata-se, portanto, de uma pesquisa concernente à atitude dos falantes frente a possibilidades fonológicas.

O segundo artigo, de autoria de André Luiz Souza e Silva, aborda a questão linguística que vem tomando maior fôlego na sociedade do século XXI, a saber: a aceitação da população LGBTQIA+. Trata-se de uma comunidade de fala com desafios diários, relativos a seus direitos básicos, bem como ao respeito que sociedade deve ter por eles. As pessoas LGBTQIA+ ainda têm um longo caminho a percorrer, o que tange a uma vida mais justa, igualitária e sem preconceitos, inclusive o preconceito linguístico. O artigo intitulado “Atitude linguística em relação ao falar de LGBTQIA+” visa à análise de atitudes linguísticas de sujeitos LGBTQIA+ e Não LGBTQIA+ em relação ao falar de pessoas de identidades sexuais e de gêneros diferentes. Para tanto, (re)inova em dois aspectos: o primeiro, ao ampliar a concepção binária do fator extralinguístico gênero nas pesquisas em variação; a segunda, tão importante quanto à primeira, é a mobilização de conhecimentos sobre atitude e sobre identidades linguísticas aplicadas ao gênero e à sexualidade, enfrentando um terreno de pesquisa que merece ser estudado. Ao comparar atitudes linguísticas entre dois grupos sociais distintos, permite que o leitor não só tome consciência, de fato, do pensamento linguístico vigente, mas também consiga avaliar o envolvimento social maior ou menor com este grupo, perspectiva contumaz na teoria laboviana.

O falar do Rio de Janeiro continua sendo o foco, numa perspectiva sincrônica, no artigo intitulado, de forma muito original, pelos autores Marcelo de Almeida e Renata Rodrigues, “Carioca fala bi[s]coito?": um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro”. Tratam das variantes fricativa pós-alveolar, fricativa alveolar, fricativa velar/glotal e ausência da coda, para verificar em que medida há a tendência a se associar cada variante a um determinado perfil social, a fim de relacionar o valor social dessas e seus condicionamentos estruturais e como essa relação afeta a percepção. Os resultados são muito interessantes, o que faz valer a leitura dos textos.

Sáimos de pesquisas mais específicas para um estudo mais abrangente – e por que não dizer inovador? –, acerca da colocação pronominal do Português, o que permite o leitor revisitar diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação. Ana Calindro, Matheus Alves e Adriana Martins, a partir de suas pesquisas, fazem uma proposta de um *continuum* luso-afro-brasileiro, trazendo não só o escopo recorrente Brasil-Portugal, mas ampliando-o para outras comunidades de fala de Língua Portuguesa em terras do continente africano. Em artigo intitulado, “Colocação pronominal em português: uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro”, apresentam uma pesquisa comparativa, trazendo interpretação e sugestão de que um contínuo sintático poderia ser reforçado por fatores como a aquisição da língua como L1 e a presença de outros idiomas no contexto dos países africanos, permitindo uma transmissão

linguística, influenciada por diversos fatores transculturais, com características de aprendizado de L2 para outras gerações.

Adentramos, com Alberto Bautista, as fronteiras hispano-portuguesa, o que enseja a oportunidade de discussão sobre o fenômeno da mudança linguística em diferentes línguas. Nesse quinto artigo, trata-se da mudança linguística relacionada com os nomes dos dedos da mão, nas seguintes comunidades de fala: galego, castelhano, português, barranquenho, mirandês e leonês. Há, portanto, ampliação do espectro diatópico da variação, trazendo a identidade e a cultura dessas comunidades, auxiliando o leitor no reconhecimento das características linguísticas de falantes em línguas de contato, fazendo-nos verificar como nossas culturas estão tão interligadas. Para mais, “Variação e mudança linguística na designação dos dedos da mão na fronteira hispano-portuguesa” remete-nos à época de crianças e de nossas brincadeiras de “fura bolo-mata piolho”. O autor ousa, ao afirmar que “uma possível explicação para tamanha incidência de lexias para a mesma forma prende-se [...] com o facto de as áreas de fronteira serem mais conservadoras e, por conseguinte, menos permeáveis à adoção das novidades linguísticas e do modelo de língua irradiado nas grandes urbes.”

Em uníssono com a ideia de que “Um bom dia começa em uma padaria”, a autora Maria Helena Rebelo traz o pão de cada dia à mesa da variação, quando leva o leitor a refletir sobre as inter-relações existentes entre língua, sociedade e cultura, a partir das designações hiponímicas do hiperônimo “pão”, ao comparar, considerando variação e mudança linguística nos dois países, Brasil e Portugal. Para tanto, a autora coleta dados recentes, ao se propor fazê-lo nos meios digitais. Uma das afirmações da autora que merece destaque é a seguinte: “Saber distinguir o pão do Brasil do pão de Portugal é reconhecer que a identidade social e a cultural dos povos ganha especificidades, mesmo quando partilham uma língua.” No sentido laboviano, a autora apresenta o elenco de formas alternantes do referente em estudo. Em ambos os artigos, tem-se a oportunidade de discutir sobre o fenômeno da mudança linguística em diferentes línguas.

Em “É bicho ou é gente? O uso da zoonímia nos nomes atribuídos à prostituta pelos sulistas”, segundo o *Atlas Linguístico do Brasil*, as autoras Júlia Vitória Mugartt Picolli e Daniela de Souza Silva Costa buscam compreender a polissemia dos nomes nos falares da população sulista do Brasil, representadas por diferentes lexias ao referente prostituta. A análise envidada evidencia a existência de diferentes lexemas utilizados para nomear essa profissional, muitos dos quais estão enraizados na cultura e na história local, demonstrando, ainda, como os estereótipos culturais podem influenciar na escolha de determinados designativos, o que leva o leitor à reflexão sobre as inter-relações existentes entre língua e sociedade.

O oitavo artigo intitulado “*Variación e influencia del español en el léxico disponible de la fala de Xálima: el centro de interés Partes del cuerpo*”, da autora Tamara Flores, revisita diferentes gramáticas na perspectiva da mudança e da variação, discutindo a relação de contato e de influência entre o português e o castelhano. O texto propicia aos leitores fazerem um sobrevoos no Vale de Xálima (Cáceres), onde são faladas três variedades: o *manhego* em São Martinho de Trebelho; o *lagarteiro* em As Elhas; o *valverdeiro*, em Valverde do Fresno, de uma língua pertencente à família do galego-português e conhecida como fala de Xálima, valego ou xalimego. Trata-se de uma pesquisa de grande contribuição, já que ampliar a descrição do léxico da fala é abordagem



temática pouco explorada na literatura especializada, visto haver pesquisas centradas sobretudo nas origens e na evolução das línguas locais, bem como nas descrições fonéticas e morfológicas dessas mesmas línguas. Os resultados da pesquisa, ainda que parciais, no dizer da autora, revelam a influência dos meios de comunicação, bem como os níveis de escolaridade e de idade na variação e na mudança das línguas em estudo.

“*The identity reflection of code-switching in How to tame a wild tongue*” propõe uma estreita relação entre estudos sociolinguísticos e literatura, ao se debruçar em pesquisa de cunho bibliográfico, com o objetivo de analisar o *code-switching*, uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngues numa mesma interação discursiva. Para tanto, a autora Mariana Barboza debruça-se sobre um capítulo de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, obra de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004), escritora que se destaca nos estudos filosóficos, pois, perpassando as linhas da poesia, da literatura, da narrativa, da teoria e da auto-história, visita os espaços fronteiriços do nascimento de uma nova cultura que representa a população da fronteira e que abriga a identidade da “*New Mestiza*”. Em *Bordeland*, a autora convida o leitor a experimentar a linguagem fronteiriça, aquela que reflete seus antepassados e o seu presente e que atualmente representa a sobrevivência na fronteira. De acordo com o *site* da UNICAMP, *Mulheres na Filosofia*,

do “bilinguismo”, “multilinguismo”, ou seja, a intersecção de línguas que se fundem em uma só como a mescla do espanhol com inglês, o Tex-MEX, o Pachuco, as gírias, emerge “um modo de viver”, um viver-entre-línguas (Anzaldúa, 1987).” Só assim é que se pode adentrar no espaço de *mestiza* e conhecê-la da forma como Anzaldúa desejaria que a conhecêssemos.

Em seus estudos sociolinguísticos, Barboza corrobora que Anzaldúa utiliza a troca de códigos como meio de comunicação com os seus leitores, mas, principalmente, como ferramenta para refletir a sua identidade. Remonta, nesse sentido, a Hall (2015), que afirma que as identidades não são estáticas, mas evoluem constantemente e transcendem o tempo e o espaço. Ora, se a língua é a identidade de um povo, de uma comunidade de fala, se as línguas variam, *The new Mestiza* mostra o espaço híbrido da fronteira que tenta se afastar das barreiras de uma geografia política colonial, demonstrando que somente com a consciência linguística poder-se-á conquistar a real construção de identidade(s).

Duas são as seções finais desta edição, apresentando dois gêneros discursivos, além dos artigos científicos: a entrevista e a resenha.

Propusemos a entrevista a uma eminente sociolinguista, Professora Dra. Márcia dos Santos Machado Vieira, Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ, pesquisadora do CNPq. Além de ministrar aulas, a pesquisadora integra, desde 2014, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordena esse GT desde 2018, além da Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN, desde 2020. Também atua como Presidente do Fórum Internacional em Sociolinguística desde 2018. A entrevistada nos agracia com questionamentos sobre o entendimento de que o Brasil é um país monolíngue, perpassando por discussão sobre o termo “racismo linguístico” e, por

fim, nos envolvendo, ao demonstrar como se podem incorporar os conhecimentos e as práticas linguísticas, considerando os pressupostos da Sociolinguística.

Este volume se encerra com a resenha produzida pelo professor Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro, que se debruça sobre a obra recente de Joyce Elaine de Almeida e Stella Maris Bortoni-Ricardo, *Variação linguística na escola*, publicada pela editora paulista, Contexto, em 2023. Em sua resenha descritiva, Amaral Ribeiro põe luz em dois procedimentos abordados na obra recentemente publicada: o primeiro está centrado no estudante da escola básica, com a ideia de que é primordial que esse compreenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humanas e que se constitui em identidade dos sujeitos, a exemplo do que as pesquisas veiculadas nos artigos deste volume mostram, seja no falar do carioca, do nordestino, do sulista, de Brasil, de Portugal, dos países de África ou nas fronteiras. O segundo está centrado no(a) professor(a). A ele/ela se deve dar pleno acesso às pesquisas da área, para que esteja preparado(a) para tratar da heterogeneidade da língua, sobre as variações da língua portuguesa, ao conhecer seus norteadores de funcionamento, suas similaridades e diferenças.

Ao findarmos a organização deste volume, queremos-nos congratular com todos os autores que submeteram suas pesquisas a essa chamada. Todos os artigos são de grande valia para os estudos da variação das línguas. Aos que aqui estão reunidos, entregamo-los aos leitores como convite para reflexões sobre línguas, sobre identidades, sobre culturas, sobre falantes, sobre cidadania.

Esperamos, por fim, que este conjunto complexo, composto pelos artigos, pela entrevista e pela resenha desta edição da Revista *Matraga*, seja amplamente divulgado, para que chegue aos leitores mais diversos e possa contribuir para os estudos em língua portuguesa e em outras línguas, que sempre giram em variações e em mudança, porque representam a vida.

Maria Teresa Tedesco e Lurdes Moutinho

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- COELHO, I et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CALLOU, D.; LOPES, C. R. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: A questão da variação e mudanças linguísticas. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 5, n. 1/2, p. 63-74, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9435>>. Acesso em: 02 abr. 2024.
- FREITAG, R. M.; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. CESAD-Centro de Educação Superior a Distância. São Cristóvão/SE. 2010.
- Gloria Anzaldúa - **Mulheres na Filosofia** - Blogs de ciência da Unicamp. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/gloria-anzaldua/>>. Acesso em: 10 de abril de 2024.



GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working paper em linguística**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. Maria Martha Pereira Scherre. Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, K. K. **A implementação do *você* em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].